

Extensão e formação docente na escola: projetos em diálogo

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

jacquelinemorais@hotmail.com

Mairce da Silva Araújo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

mairce@hotmail.com

Guilherme Val Toledo Prado

Universidade Estadual de Campinas

gvptoledo@yahoo.com.br

Resumo

O presente texto coloca em diálogo experiências extensionistas focadas na formação continuada de professores(as), desenvolvidas por dois grupos de pesquisa: o Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória(s) e História(s) e Formação de Professores(as), sediado na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e o Grupo de Pesquisa e Estudos em Formação Continuada (GEPEC), sediado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, em Campinas. Esses grupos entendem que os processos formativos docentes devem ser centrados na escola, nas narrativas e experiências docentes, e não nas experiências e narrativas dos formadores docentes. Dessa forma, compartilharemos algumas reflexões sobre duas experiências de extensão: uma que tem sido desenvolvida em São Gonçalo, "Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo", e outra em Campinas, denominada "Fala Outra Escola".

Palavras-chave: formação continuada; formação docente; educação básica.

Extension and teacher training in school: projects in dialog

Abstract

This text puts into dialogue extension experiments focused on continuing education of teachers/developed by the two research groups: the Voices of Education - Center for Research and Extension: Voices of Education: Memory (s) and history (s) and Training teacher (s), based at the School of teacher Education at the State University of Rio de Janeiro and GEPEC - Group Research and Studies in Continuing Education, based at the Faculty of Education, University of Campinas, in Campinas. These groups understand that the teacher training processes should be focused on school, teachers in the narratives and experiences, not on the experiences and narratives of teacher trainers. Thus, we will share some of that experience has been developed in Campinas in Sao Goncalo, and as the "Forum for Literacy, Reading and Writing" and "Speak Other School".

Keywords: continuing education, teacher training, basic education



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

INTRODUÇÃO

As interseções e diálogos que temos estabelecido no campo acadêmico despertaram em nós o desejo de produzir uma síntese, mesmo sabendo ser provisória, de nossas ações e reflexões, no que se refere ao trabalho extensionista, cuja atenção e compromisso maior têm sido a escola e suas práticas pedagógicas. Para isso, o presente artigo foi pensando a fim de por em diálogo experiências extensionistas desenvolvidas em duas diferentes universidades, localizadas em cidades distintas e focadas na formação continuada de professores(as). As ações que trataremos neste artigo foram desenvolvidas por dois grupos de pesquisa: o Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória(s) e História(s) e Formação de Professores(as), sediado na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a partir do “Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo”, e o Grupo de Pesquisa e Estudos em Formação Continuada (GEPEC), sediado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, em Campinas, a partir do seminário “Fala Outra escola”. Seguindo uma tradição crítica, tais grupos entendem que os processos formativos docentes devem ser centrados na escola, nas narrativas e experiências docentes, e não nas experiências e narrativas dos formadores docentes, o que tem alimentado as ações e projetos extensionistas *com* a escola e não *sobre* a escola.

Um pouco da história do Grupo Vozes da Educação

Iniciamos este texto apresentando o Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória(s) e História(s) e Formação de Professores(as). Criado em 1996 na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sediada na cidade de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, este grupo de pesquisa conta, hoje, com dez pesquisadores(as) doutores(as), cujas pesquisas dialogam entre si em inúmeros aspectos. Comprometendo-se, desde a sua criação, com a “produção de um conhecimento prudente para uma vida decente”, como defende Santos (2006), o "Vozes", como é mais conhecido, tem destacado a preocupação e compromisso ético como um dos princípios político-epistemológicos de suas práticas de extensão e investigação. Não é sem razão que encontramos em autores como Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos rica alimentação para nossos projetos e ações.



Tendo como objetivo principal contribuir para a reconstrução da memória e da história da educação da cidade de São Gonçalo a partir da articulação pesquisa-ensino-extensão, afirmamos e defendemos que é preciso ouvir as vozes da escola para com elas dialogar, já que, historicamente, as escolas e os seus sujeitos — professores, professoras, funcionários e funcionárias, alunos, alunas, pais e mães — não têm sido reconhecidos pela historiografia mais tradicional como principais “narradores e narradoras da sua própria história”. (ARAÚJO; TAVARES, 2008).

Ao longo de 15 anos, desenvolvemos diferentes ações, que nomeamos investigativo-formativas, buscando constituir espaços de memória, de narração e de formação com alunos, alunas, bolsistas, professores e professoras, funcionários, funcionárias e dirigentes das escolas gonçalenses, representantes sindicais e representantes do poder público, num permanente diálogo com a cidade de São Gonçalo.

Nesse permanente diálogo com os diferentes setores sociais externos e internos à comunidade universitária, entendemos que contribuímos para a construção de novas éticas, questionadoras de uma visão monocultural do saber e do rigor do saber, ainda hegemônica, que elegeu a ciência moderna como critério único de verdade e a universidade e os seus intelectuais como os legítimos representantes desse saber. À medida que reconhecemos os sujeitos escolares, os representantes sindicais ou do poder público como interlocutores e coautores no processo de produção de conhecimento, favorecemos o reconhecimento de outros saberes e de outros critérios de rigor em curso nos diferentes contextos e práticas sociais, representantes de uma “ecologia de saberes” (Santos, 2006).

Em busca de uma *ecologia de saberes*, temos desenvolvido, desde 2004, a pesquisa “Alfabetização, Memória e Formação de Professores”, articulada ao Vozes, coordenada por Mairce da Silva Araújo. Durante esse período, temos construído parcerias com diferentes escolas da rede pública de São Gonçalo e socializado, em diferentes espaços acadêmicos, as discussões produzidas com as escolas. Concebemos, em nossas investigações, o cotidiano escolar como espaço-tempo de tensão entre conhecimentos e práticas de regulação e emancipação (Santos, 2006) e, também, como *locus* privilegiado de circulação e resgate de saberes, histórias e memórias, bem como de preservação e (re)criação da cultura local.

Outro projeto de pesquisa e extensão articulado ao Vozes, que também tem como base a relação universidade e escola básica, é o “Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo (FALE SG)”. Tal projeto, coordenado por Jacqueline de Fátima Santos Morais e



Mairce da Silva Araújo, tem caráter interinstitucional, já que, desde 2006, envolve relações de parceria entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Faculdade de Formação de Professores (FFP). A parceria estruturada através de atividades em rede no âmbito do ensino, pesquisa e extensão tem como referência a narrativa de experiências de professores(as) alfabetizadores(as) sobre suas próprias práticas. Este trabalho conjunto tem como eixo articulador encontros periódicos realizados mensalmente, cujo público preferencial é composto por professores e professoras que atuam na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, e estudantes do Curso de Pedagogia.

O principal objetivo dos encontros do FALE é garantir espaços de socialização, investigação, discussão e reflexão sobre a prática alfabetizadora que acontece no cotidiano escolar. Fortalecendo espaços dialógicos como esses, nos quais os(as) docentes são convidados(as) a colocarem *as suas* palavras, dúvidas, certezas e incertezas, colocamo-nos favoráveis a uma vertente de pesquisa que busca produzir um conhecimento junto *com* as professoras e não *sobre* suas práticas. O estranhamento, desnaturalização e ampliação dos saberes e fazeres docentes são perseguidos através da articulação entre a prática e a teoria.

A cada encontro, um(a) professor(a) pesquisador(a) vinculado(a) à universidade e um(a) professor(a) pesquisador(a) vinculado à escola básica são convidados para conversarem sobre um tema — previamente definido a partir da demanda do próprio grupo — que atravessa a prática alfabetizadora cotidiana, buscando caminhos para que a apropriação da leitura e da escrita seja, desde os primeiros momentos, um exercício da autoria e do pensamento crítico (MORAIS, 2010).

Este trabalho se vincula ainda a redes de formação docente, dentro e fora do país, em especial ligadas ao México e Argentina.

GEPEC: sistematizando e aprofundando saberes e fazeres na escola e na universidade

O Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Continuada (GEPEC), coordenado por Guilherme Val Toledo Prado, sediado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, tem por objetivo sistematizar e aprofundar conhecimentos e saberes a respeito da pesquisa-ação, produção de conhecimentos e saberes na escola e na universidade, compreender e aprofundar o conceito de "currículo em ação", bem como fomentar pesquisas de professores-pesquisadores e profissionais da escola, tomando como referência as práticas



cotidianas produzidas em diversas instâncias educacionais. A partir disso, pretende-se construir caminhos empíricos para o desenvolvimento de trabalhos de formação profissional, inicial e continuada, na conjuntura atual através de trabalhos em parceria com professores da universidade, estudantes de pedagogia e licenciatura, e equipes escolares, em busca da compreensão da escola em toda a complexidade que a caracteriza.

O GEPEC tem sido espaço privilegiado para sistematizar e aprofundar a produção de conhecimentos e saberes na escola e na universidade, fomentando estudos e pesquisas *de e com* profissionais da educação.

A pesquisa “Narrativas Pedagógicas: percursos e indícios de saberes, conhecimento e desenvolvimento profissional”, desenvolvida por Guilherme do Val Toledo Prado, desde 2007, procura evidenciar, a partir das escritas cotidianas de professores e profissionais da escola, como os saberes e conhecimentos se manifestam, bem como evidenciar os processos de desenvolvimento pessoal e profissional inscritos nessas escritas.

Atualmente, a partir do contato com grupos de pesquisas que discutem alfabetização, como o GRUPALFA, da Universidade Federal Fluminense, e, mais especificamente, o Núcleo de Estudos e Pesquisas: Práticas Educativas e Cotidiano, da UNIRIO, coordenado pela Profa. Dra. Carmen Sanches Sampaio, o GEPEC formou um grupo de estudos de alfabetização. A intenção é, a partir da discussão de problemas e soluções relativas à alfabetização no cotidiano das escolas com professoras-alfabetizadoras, fomentar a ampliação dessas discussões a partir de Fóruns da Alfabetização, Leitura e Escrita, como tem acontecido na UNIRIO e na FFP, fazendo uma edição desses fóruns na cidade de Campinas.

O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO QUE NOS APROXIMA

Historicamente, a formação de professores(as) tem acontecido, fundamentalmente, nos espaços formais, inclusive a inicial, vista como tarefa da universidade e das escolas de formação de ensino médio. Tanto o modelo de formação continuada quanto o de formação inicial têm recebido tradicionalmente inúmeras críticas, por parecerem não conseguir dar conta dos complexos desafios que se colocam para o magistério. Ambos têm sido acusados de assumirem um modelo de racionalidade técnica e de não permitirem, com isso, a construção de práticas formativas potencializadoras do resgate de memórias, histórias e narrativas das professoras em formação.



As escolas, têm dado pistas de que têm vivido e construído em seu cotidiano, formas de resistência e enfrentamento por vezes silenciosas e tímidas, mas que nos revelam que a escola se reinventa a cada dia, não na sonolência dos dias que se seguem, mas na pulsação das experiências que acontecem.

São movimentos instituintes instaurados por professores(as) por todo o país que crescem nos interstícios dos processos instituídos. Movimentos negados, invisibilizados, clandestinos. Movimentos que revelam (ou escondem) espaço e tempos de criação compartilhada, lócus marcados pela busca da autoria coletiva.

Do cotidiano das escolas, da vida e da profissão docente de cada um de nós, são tecidas novas alternativas ao que está posto às políticas educacionais, aos projetos impostos, ao que vem de cima para baixo, às políticas de formação continuada. No interior dessa escola e de muitas outras espalhadas pelos cantos e esquinas, visivelmente invisíveis, professores e professoras estão a construir e reconstruir experiências, fazendo e refazendo a história, sem glórias, anonimamente.

É nesse sentido que afirmamos que professores e professoras não são apenas *consumidores(as)* dos “pacotes pedagógicos” que caem sobre suas cabeças a cada nova gestão administrativa ou das “novidades metodológicas” que a cada momento lhes são apresentadas como “o moderno ou o avançado”, mas são *produtores(as)* (Certeau, 1994) de fazeres, projetos e políticas formuladas a partir do cálculo do *horizonte de possibilidades* (Bakhtin) que efetiva no presente opções metodológicas, conjugando as experiências passadas com as possibilidades de futuro, reafirmando-se, dessa forma, como sujeitos do conhecimento.

Considerações como essas têm nos motivado a pensar a formação continuada a partir de uma perspectiva denominada, por Canário (2006), de processos formativos docentes *centrados na escola*, buscando nos afastar de práticas formativas docentes, ainda de natureza hegemônica, que tomam as experiências e narrativas inspiradas nos fazeres e dizeres *dos formadores* como textos modelares, base e centro da formação.

Temos perseguido, em nossas pesquisas e nas práticas formativas continuadas que alimentam e são alimentadas por aquelas, a produção de um conhecimento que reconheça a escola como um lugar legítimo de produção de saberes legítimos e legitimados, o que pressupõe problematizar a ideia de que as universidades, as secretarias de educação e os centros de formação exteriores a escola são os lócus privilegiados de produção de conhecimento.



É no sentido de construir um olhar crítico *sobre*, mas especialmente *com* a escola, um olhar que nos afaste da *curiosidade ingênua que caracteriza a leitura pouco rigorosa do mundo* (Freire, 2001:11) e, diríamos, da escola, que fomos em busca do que o autor chamou de *curiosidade exigente* porque implicada em um exercício: o da visão crítica da realidade e, em nosso caso, da formação continuada. Essa *curiosidade exigente* nos instiga a buscar o caráter complexo (Morin) daquilo que desejamos discutir neste trabalho: a concretude de experiências de formação continuada em espaços públicos de ensino.

NARRATIVAS DE PROFESSORAS: VIVENDO A FORMAÇÃO CENTRADA NA ESCOLA – AS EXPERIÊNCIAS DO VOZES E DO GEPEC

Primeiro flash

Os encontros do “Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita de São Gonçalo”¹, articulado ao Vozes da Educação, têm sido um espaço privilegiado de promoção e circulação de narrativas docentes, ao centrar sua opção teórico-metodológica no diálogo entre professores(as) vinculados(as) à universidade e professores(as) vinculados(as) à escola básica.

Tendo realizado, em fins de 2011, a sua 10ª edição, o FALE-SG tem congregado um público aproximado de 40 pessoas por evento, composto de professoras das redes pública e privada de São Gonçalo e de municípios do entorno, de estudantes da Faculdade de Formação de Professores e de demais faculdades privadas da região, além de estudantes das escolas de ensino médio, na modalidade escola normal. Ao longo das edições, na coordenação das diferentes mesas, tivemos professore(as) de cinco universidades públicas diferentes, sendo uma delas não do Rio de Janeiro, e 11 professores(as) da escola básica das redes públicas de seis municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Os encontros são filmados e gravados. Após transcrição e decupagem do material gravado, as narrativas produzidas a partir dos debates constituem-se como dados de pesquisa,

¹ Entre as temáticas abordadas, temos: Alfabetização sem cartilha? Por onde começar? A conversa continua. Alfabetização sem cartilha? Por onde começar? Alfabetização e Letramento: o que muda quando muda o nome? Leitura e escrita na educação infantil: possibilidades e desafios. Filosofar com crianças: experiências escolares possíveis. Por entre passeios e narrativas: formando leitores e escritores em turmas de alfabetização. O trabalho de integração na educação infantil. Literatura e alfabetização. Escola e cultura: ensinando através do *Rap*, *Funk* e outros ritmos.



convidando-nos a novas reflexões sobre a prática alfabetizadora (MORAIS e ARAÚJO, 2010).

A riqueza das interlocuções vivenciadas em tais encontros tem confirmado para nós a importância de buscar tecer, junto às professoras, *lugares exotópicos* que nos possibilitem viver a escola como “autoconhecimento”, favorecendo igualmente o processo de (auto)formação compartilhada.

Os diálogos a seguir são frutos desse processo:

Mandava Daniel ler o que estava escrito no quadro, e ele lia B-I-A, nomeando cada letra separadamente, deixando a entender que, para ele, isso era ler. Durante um tempo, o processo permaneceu dessa forma. Até que um dia, de tanto insistir na leitura, ele percebeu e disse: “Tia, ali está escrito BIA?”. De um dia para o outro, ele conseguiu juntar as sílabas e ler. (Fragmento da narrativa da Professora Renata).

Instigada pela narrativa de Renata, produzida em um dos FALÉs, uma professora que assistia ao encontro questionou como era possível uma criança, de um dia para outro, aprender a ler e, instigando ainda mais a discussão, trouxe exemplos semelhantes de sua própria experiência.

A partir da indagação inicial, o grupo que participava do FALÉ se viu provocado a buscar os conhecimentos que Daniel parecia revelar em seu processo de aquisição da língua escrita: o reconhecimento de determinado conjunto de letras como uma palavra, a linearidade da escrita, a identificação dos sinais gráficos como letras, conhecimentos que, pela fala que ia sendo tecida pelas professoras coletivamente, pareciam ter possibilitado ao menino chegar à relação fonema/grafema, resultando na resignificação do sentido e do ato de ler e possibilitando à criança um “salto de qualidade” (Vygotsky, 1986), que o levou a se apropriar da base alfabética da língua, o que para a escola é o sucesso na aprendizagem.

Depois de intensa discussão coletiva, então, concluiu Renata: “É... *Eu não tinha visto isso: o que os alunos vão aprendendo aos poucos fica parecendo para mim que foi de repente*”, reafirmando para nós que a mediação das demais professoras durante a discussão sobre o processo de conhecimento daquele aluno, pode produzir, também na professora, um *salto de qualidade*, inscrevendo-a, como diria Josso (2002), num projeto de (auto)conhecimento que a institua como sujeito.

Nos grupos em que temos vivido o processo de (auto)formação centrado na escola, temos frequentemente encontrado “o(a) professor(a) da escola básica que interroga a sua prática, investiga, documenta o seu trabalho, analisa, faz leituras, dialoga e constrói uma



forma de compreensão da realidade". (Cunha e Prado, 2007:19). São professoras que, tomando a prática como objeto de reflexão, ultrapassam os limites impostos por uma dada racionalidade técnica que as reconhece apenas como quem *aplica teorias*, indo em direção a afirmação e reconhecimento de si e das outras professoras como produtoras/autoras de uma *teoria em movimento* produzida *no e com* o cotidiano escolar.

Em outro momento, pudemos ver novamente a *solidariedade de preocupações* e a importância dos espaços de narrativa no interior das escolas quando, diante da fala de uma das professoras, outra responde: *"Eu não entendo por que essas crianças não conseguem aprender se são tão espertas. Tem que haver uma explicação para isso. E tem que haver uma maneira de elas aprenderem."*

Constatar apenas não basta. É preciso garantir que todos aprendam, e, para isso, temos confirmado, em nossas ações extensionistas e pesquisas, ser necessário uma dose de inconformismo e indignação com relação a produção do fracasso escolar. É preciso, também, reconhecer e potencializar os saberes que as professoras constroem acerca das crianças e, nesse movimento, problematizar saberes que estão aparentemente congelados.

Segundo flash

Desde 1999, o GEPEC organiza encontros com objetivo de criar espaço para as diversas vozes da escola veicularem suas produções. Inicialmente, em encontro denominado "Fala Professora", os professores tiveram oportunidade de falar sobre seu trabalho. Com a intenção de tomar a escola como espaço que transcende a ação docente, em 2002, foi criado o seminário "Fala (outra) Escola". Buscávamos explicitar as produções elaboradas no chão das escolas à procura de indícios para sua legitimação na sociedade, engendrando, assim, um campo no qual são manifestas as possibilidades de a escola intervir na construção social de uma "educação outra", mais humana, não mercadológica, pautada na formação do educando como sujeito histórico e produtor de sua história. Nesse seminário foram abordadas as tensões vividas pelos sujeitos no cotidiano das escolas, tensões que perpassam as políticas impostas aos educadores, construindo a imagem de sua culpabilização, bem como apresentadas experiências reveladoras das resistências ativas emergentes das próprias escolas.

Na terceira edição do seminário, a ênfase foi na escola como espaço-tempo de produção. Três foram os eixos escolhidos: Humanização das relações; Trocas culturais e



Produção de conhecimentos. A terceira edição se propôs a trabalhar com experiências que movimentam pesquisas, culminando na (re)invenção e (re)constituição do fazer pedagógico.

O quarto seminário, realizado em 2008, abordou "Histórias Narradas & Cotidianos Vividos". Com o desejo de provocar diálogos sobre as produções cotidianas no trabalho escolar, cinco eixos básicos incentivaram os debates: Formação no cotidiano escolar; Narrativa memória e autoria; Práticas curriculares em e com diferentes áreas de conhecimento; Experiências pedagógicas compartilhadas e Reflexividade e trabalho coletivo.

Em 2010, no quinto seminário, as histórias de vida e de docência de quatro professoras do estado de Sergipe, retratadas no filme "Carregadoras de Sonhos", foram a fonte de inspiração. "Carregando sonhos", o grupo seguiu apostando na produção e na partilha de narrativas que dão vozes e sentidos a uma "escola outra", fomentando diálogos e debates acerca das relações e saberes construídos na instituição escolar. Convidando professores(as) da universidade e da escola a partilharem experiências que alimentem sonhos em salas de aula, o grupo reafirmava a importância de narrar, questionar e, assim, produzir práticas diferenciadas na construção da escola de sonhos (compartilhados).

Buscando caminhos para a partilha dos processos vividos na escola, o grupo chegou à proposta das "pipocas pedagógicas" a partir das seguintes indagações:

- Considerando que é da imprevisibilidade do cotidiano e nas práticas heterogêneas que emerge o que está ausente nas teorias educacionais propaladas e propagadas nos processos formativos docentes, que sentido tem o registro desses acontecimentos?
- Pode existir uma escrita que capture esses acontecimentos imponderáveis e manifeste a potencialidade dos saberes cotidianos e que possa (re)orientar as práticas educativas nas escolas?

Para o GEPEC, as narrativas cotidianas escritas (Fernandes e Prado, 2008) tomaram a forma de "pipocas pedagógicas", retratinhos 3X4 desses acontecimentos cotidianos, que não têm a pretensão de explicar ou teorizar esses acontecimentos, mas pretendem problematizar e potencializar (Prado e Cunha, 2007) um olhar/ver e um ouvir/escutar mais sensíveis (Lacerda, 2009) para os (des)encontros cotidianos, bem como para (re)constituir a cumplicidade entre os sujeitos que nelas estão imersos.

O GEPEC de Terça é um espaço aberto, com encontros quinzenais às terças-feiras, em que os profissionais da educação podem permanecer o tempo que desejarem: não pressupõe



certificado de participação ou quaisquer benefícios adicionais desse tipo. Os temas que se convertem em conteúdo de discussão não são estabelecidos *a priori*, mas definidos pelos próprios integrantes, tendo em conta suas inquietações e necessidades advindas da prática pedagógica em diferentes instâncias educativas (PRADO et al, 2008, p. 67). Vejamos como elas podem se manifestar.

CrisHop 27/05/2010

É A MAFÊ!

Registro antigo na cabeça dos meus pequenos “países”. — Vamos trocar cartas com a Mafê!

Coisa enrolada desde o ano passado, eis que de repente, num surto de vontade, escreveram por conta e risco, e só me restou postar as cartas, deixadas no armário, no meio de tanto corre-corre. Semana passada cobranças:

— Prô, a Mafê ainda não respondeu às cartas?

— Prô, será que os alunos dela vão querer trocar cartas com a gente?

Como não recebiam uma resposta convincente, a Itália atacou:

— Prô, você deve ter postado as cartas no correio “Sedneis” ou, então, carteiro só na música que a gente canta, né!

Corri e postei as cartas no mesmo dia e, para baixar a ansiedade, retomei com eles algumas coisas iniciadas.

Quando tive a ideia de trocar cartas, resgatei um pouco com eles a história do correio, dos carteiros, do prazer que era ouvir o grito:

— Carteiro! — Uma correria geral até o portão. Olhar a letra, envelope, falei de uma comunidade no Orkut de que faço parte e achei legal contar tudo isso com música, coisa DELICIOSA para a gente.

Pensei em muitas: E.C.T., A Carta, Carta à Mãe África, Vide Verso meu Endereço, Em Resposta à Carta de Fã e Mensagem. Optei por essa, porque estava mais próxima da nossa conversa, e Vanussa é tudo.

No outro dia, cheguei cantando e “teatrando” a música, com a letra e o CD debaixo do braço, os “países” amaram, e na hora já começamos o ensaio, mesmo porque, cada dia uma turma tem que cantar uma música antes da entrada, e Mensagem “pegou” geral.

Naquele bloco de países, nada pode ser normal, tivemos que fazer um teatro da situação, Portugal quis ser o carteiro que iria gritar:

— Mafêêê! Balaçando nas mãos um envelope com as cartas. Mesmo sabendo que, em época de Internet e Caixa de Correio, isso já não conta, mas já que estão escrevendo cartas, que os carteiros sejam antigos também.

Acho que a imaginação deles viajou, porque foi muito engraçado tudo isso e continua sendo, desde os conteúdos das cartas até um acontecimento de terça de manhã.

Ilhas Seychelles foi até minha mesa e, enquanto me esperava, pegou meu celular e abriu, tinha uma foto do dia do meu níver no Bar da Coxinha, com duas queridas, um querido aí do grupo e minhas sobrinhas, ela perguntou:

— Prô, essas pessoas são daqui ou de Sedna?

Olhei as fotos e comecei a falar os nomes:

— Minhas sobrinhas Sheyla e Babyzinha, Gloria, Mafê e... O simples nome Mafê causou alvoroço, ela saiu correndo com o celular na mão gritando para todos:

— Olha a Mafê das cartas, olha a Mafê!

Todo mundo queria olhar e perguntar para a prô se aquela era mesmo a Mafê.

— Posso levar para minha mãe ver, prô? — Chile perguntou todo satisfeito, porque na “guerra” estabelecida ele estava com o troféu na mão.



Uma pequena narrativa, uma pipoca pedagógica, breve, singular, efêmera, aleatória, reveladora do “ver sensível” das relações humanas e de um “escutar sensível” das interações e diálogos, como nos aponta Bakhtin (2000).

A sensibilidade da professora, ao escrever brevemente um dos muitos acontecimentos da semana, é a de trazer “à luz” situações cotidianas que possam colaborar na compreensão de suas próprias práticas, bem como a de compartilhar com seus possíveis leitores os muitos arranjos que acabamos por produzir na imprevisibilidade inerente presente no encontro entre diferentes sujeitos em um dia de suas vidas.

Temos assumido que as pipocas pedagógicas são escritos do cotidiano, de situações vividas durante as aulas e vivenciadas na escola ou no sistema em que cada professor e profissional da educação estão inseridos. Acontecimentos que quebram a cadeia de eventos de uma aula planejada e que, em si, encerram um conjunto de possibilidades interpretativas pelas escolhas de quem as escreve. Narrativas que também irrompem e quebram a dinâmica prevista, os acontecimentos que são previstos e reeditados no cotidiano escolar, como a fila, as carteiras enfileiradas, os horários preestabelecidos. Acontecimentos que quebram a rotina, questionam as normas autoritárias, as incoerências em relação aos programas de ensino... A escrita dessas pipocas, logo depois de elas acontecerem ou em algum momento em que elas pipocam no imaginário docente, impõe-se acima de outras escritas, como: o registro da frequência, o controle de atividades dos alunos, as fichas de observação de alunos, as pautas para as reuniões dos pais, as fichas dos estudantes para o conselho de classe, etc.

Essas considerações sobre a escrita das pipocas pedagógicas se devem às leituras que Gagnebin faz de Benjamin, e nelas tentamos responder a uma instigante indagação da autora: “Com efeito, como escrever uma história descontínua, como contar uma tradição esburacada, dizer a ruptura, a queda, o salto? [...] o desejo de tudo salvar, a exigência da apokatastasis, não pode se deixar levar pelo encadeamento das palavras e das frases, mas deve construir um falar abrupto que arrisca a sua própria decomposição” (GAGNEBIN, 1999, p. 99).

O exercício da escrita das pipocas dialoga com a teoria da narração. “Em sua teoria da narração e em sua filosofia da história, em particular, o indício de verdade da narração não deve ser procurado no seu desenrolar, mas, pelo contrário, naquilo que ao mesmo tempo lhe escapa e lhe esconde, nos seus tropeços e nos seus silêncios, ali onde a voz se cala e retoma fôlego.” (GAGNEBIN, 1999, p. 101).



Assim, defendemos, em todos os projetos que desenvolvemos com professores e professoras, a ideia de que é preciso, na formação docente, inicial ou continuada, produzir e garantir *espaços-tempos* de narrativas, seja por escrito ou oralmente, a fim de que a prática docente possa, ao ser compartilhada, ganhar novos sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostando numa escola que busca responder a seus próprios desafios e que no cotidiano constrói alternativas à exclusão, é que nos sentimos contempladas com o alerta de Boaventura (2006): *é preciso não desperdiçar nossas experiências*, e, para isso, precisamos identificá-las: que experiências estão sendo gestadas dentro das escolas e que podem contribuir para construir uma escola que, de fato, garanta o direito a uma escolarização de qualidade a toda população?

Olhar para a escola a partir dessa pergunta nos convida a colocar seus sujeitos, professores, alunos, especialistas, dirigentes e pais, como interlocutores privilegiados na construção de seus projetos e a investir no que chamamos de “comunidade investigativa” (WELLS, 1994), na qual esses sujeitos são convidados a narrarem e refletirem sobre suas próprias experiências, assumindo a perspectiva de formação já apontada por nós neste texto como *centrada na escola*.

Nossas pesquisas têm nos levado a complexificar a hegemonia de uma racionalidade técnica de formação continuada e, ao mesmo tempo, a defender uma concepção de formação continuada *centrada* na escola em diálogo com propostas formativas outras, produzidas dentro da universidade e em outros espaços de formação, tais como: sindicatos, centros de cultura, museus, etc., na qual as narrativas, memórias e histórias docentes reafirmem a riqueza dos pequenos acontecimentos, a importância de ínfimas situações.

Finalizamos este texto assumindo que nossas pesquisas se produzem em meio a um conhecimento que se faz *com e entre* professoras, e não *sobre* elas e suas práticas. Entendemos que as narrativas docentes produzidas ao longo de nossas investigações, seja através do FALE-SG, como no caso do Vozes da Educação, seja através da escrita das “pipocas pedagógicas” e dos seminários “Fala (outra) escola”, promovidos pelo GEPEC, potencializam *o dizer* das professoras como legítimas formas de conhecimento sobre suas



práticas, sobre a escola e sobre o mundo. Dessa forma, cremos estar contribuindo para a produção de um conhecimento solidário e emancipatório que repercuta no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas - sobre redes de saberes**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ARAÚJO, M.; TAVARES, M. T. G. Construindo um campo de pesquisa na história da educação escolar gonçalense: a experiência do Vozes da Educação. In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, B. M. Helena (org.). **(Auto) Biografia: formação, territórios, saberes**, Natal: EDUFERN, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANÁRIO, Rui. **O que é a escola? Um olhar sociológico**. Porto: Porto Editora, LDA, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 4.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERNANDES, Carla Helena, PRADO, Guilherme do Val Toledo. A narrativa na formação de professores e de pesquisadores da/na escola: diários de viagem. **Revista de Educação da UNISINOS**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2008, p.16-27.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GARCIA, Regina Leite, ZACCUR, Edwiges. (org.) **Cotidiano e diferentes saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GATTI, Bernardete. A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **RBE**, Rio de Janeiro, v. 13 n. 37, jan./abr. 2008, p. 57-186.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**, Lisboa: Educa, 2002.

LARROSA, Jorge. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.19, jan-abr/2002, p. 20-28.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos, ARAÚJO, Mairce da Silva. Alfabetização e analfabetismo no Brasil: algumas reflexões. **Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**. ano V, 2010, p.105 - 120.



MORAIS, Jacqueline F. S. Alfabetização: concepções e imagens de ensino, aprendizagem e língua no cotidiano escolar. In: PLETSCH, Márcia; RIZO, Gabriela (Orgs.) **Cultura e formação: contribuições para a prática docente**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Seropédica/Editora da UFRRJ, 2010.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata C. Oliveira Barrichelo (Orgs.). **Percursos de Autoria: exercícios de pesquisa**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história - revelações- subversões- superações**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2007.

PRADO, G. V. T.; ROSA, M. I. P. S.; SADALLA, A. M. F. A.; GERALDI, C. M. G. GEPEC: da educação continuada ao desenvolvimento pessoal e profissional em uma perspectiva narrativa. In: SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. **Pesquisa (auto)biográfica e práticas de formação**. Natal (RN): EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 59-80.

SUARÉZ, D. H. Docentes, narrativa e investigación educativa - La documentación narrativa de las prácticas docentes y La indagación pedagógica Del mundo y las experiencias escolares. In: SVERDLICK, I. Et all. **La investigación educativa : Uma herramienta de conocimiento y de acción**. Buenos Aires: Noveduc, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo. Para uma nova cultura política**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

WELLS, Gordon. **La formación Del Maestro Investigativo**. Madri: Mimeo, 1994.

VIEIRA, Ricardo. **Histórias de Vida e Identidades: professores e interculturalidade**, Porto: Afrontamento, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

